

O COMERCIANTE JOAQUIM JÚLIO CORRÊA

*João Dias Rezende Filho*¹

Resumo: *Biografia, ainda que sumária, do comerciante português Joaquim Júlio Corrêa destacando a semelhança de sua trajetória com o modelo do português que migrava para o Maranhão em fins do século XIX para trabalhar no movimentado comércio local.*

Abstract: *biography, although brief, the Portuguese trader Joaquim Júlio Corrêa highlighting the similarity of his career with the model of the Portuguese who migrated to Maranhão in the late nineteenth century to work in the busy market place.*

JOAQUIM JÚLIO CORRÊA foi figura de proa do comércio maranhense na passagem do século XIX para o XX. Joaquim Júlio nasceu em 13 de março de 1857, em casa de seus pais, à Rua de Santa Ana, no concelho de Matosinhos, districto e Arcebispado do Porto, Reino de Portugal e faleceu em 20 de fevereiro de 1937 em seu palacete na Praça João Lisboa, antigo Largo do Carmo, na cidade de São Luís do Maranhão onde residia, sendo sepultado no Cemitério Municipal de São Luís, conhecido como Cemitério do Gavião, o mais antigo da cidade. Abastado negociante e proprietário, como se dizia à época, e industrial estabelecido na Praça de São Luís do Maranhão com a firma Joaquim Júlio Corrêa e Cia. desde 1891, da qual era sócio majoritário. Os outros membros da sociedade eram seus filhos Arnaldo Joaquim Júlio e Alberto Júlio, o conterrâneo Alfredo Gomes Maya, e os amigos maranhenses Belarmino Borgneth e Manoel Ferreira da Silva. Joaquim Júlio tinha também muitas relações comerciais com o grande industrial maranhense Cândido Ribeiro, por conta do algodão que ele produzia e vendia para as fábricas de tecido Santa Amélia e São Luís, ambas de propriedade de Cândido e, à época, as mais importantes tecelagens maranhense. Foi também proprietário do Engenho Central, as margens do Rio Pindaré, no interior do Ma-

¹ João Dias Rezende Filho, 28 anos, é bacharel em Direito, seminarista da Arquidiocese de São Luís. Cursa o segundo ano do bacharelado em Teologia no Instituto de Estudos Superiores do Maranhão, genealogista e conselheiro do Instituto Cultural Dona Isabel I a Redentora sediado no Rio de Janeiro.

O comerciante Joaquim Júlio Corrêa

ranhão, que adquiriu através de compra à Companhia Progresso Agrícola em 28 de janeiro de 1880, sócio do Banco Comercial (330 ações) e da Companhia União Caxiense, sediada na cidade de Caxias, Maranhão (87 ações) e de outras firmas comerciais.

Joaquim Júlio era filho do Sr. Antônio Júlio Corrêa, nascido no ano de 1820 e de Dona Custódia Maria de Jesus Gomes (Corrêa), nascida em 30 de novembro de 1822, ambos em Matosinhos e que se casaram em 21 de Janeiro de 1843 na Igreja Matriz do Salvador de Matosinhos, neto paterno do Sr. Joaquim Corrêa dos Santos e de Dona Francisca Rosa Maria, naturais de Matosinhos, neto materno do Sr. José Antônio Gomes de Mattos, natural de Lavradas, Arcebispado de Braga e de dona Ana Maria de Jesus, natural de Matosinhos, bisneto materno do Sr. Antônio Luís Gomes e de Dona Teresa Maria de Sousa, ambos de Lavradas e do Sr. João de Sousa, de Santiago de Custóias e de Dona Maria Josefa de Jesus, de Matosinhos. O recém-nascido Joaquim foi batizado a 19 de março de 1857, na Igreja matriz da freguesia de Matosinhos, pelo padre coadjutor Antônio Pereira Monteiro sendo seus padrinhos, o Sr. Joaquim Favela (o qual segundo um costume de então deu seu próprio nome ao afilhado), residente na Rua de Santa Ana e Dona Ana Henriques, filha do Sr. Joaquim Henriques, residente na Rua da Taipa, ambas em Matosinhos. Joaquim Júlio tinha duas irmãs que nunca estiveram no Brasil, residiam em Matosinhos, e lá faleceram idosas, solteiras e sem geração, chamavam-se Maria Júlia Corrêa e Ana Júlia Corrêa e pelo menos mais três irmãos, dos quais ignora-se descendência : José Júlio Corrêa (desconhecem-se até o momento as data de nascimento e falecimento), Eduardo Júlio Corrêa, falecido em 18 de maio de 1898 em São Luís do Maranhão e sepultado na Capela do Senhor Bom Jesus dos Navegantes na mesma cidade e Florêncio Júlio Corrêa, falecido em 1919 aos 58 anos, em Matosinhos, todos comerciantes no Maranhão. Joaquim Júlio Corrêa mudou-se para o Maranhão, ainda jovem, aos 16 anos de idade com o objetivo de trabalhar no promissor comércio local. Seus ascendentes parecem não se terem dedicado ao comércio em Portugal, mas a lavrar as terras que possuíam. Durante vários anos, Joaquim Júlio trabalhou arduamente e com grande tino comercial conseguiu erguer um sólido empreendimento e se firmar como um dos maiores negociantes do Maranhão de sua época. JOAQUIM JÚLIO CORRÊA casou-se em São Luís na Igreja da Sé (atual Catedral Metropolitana de São Luís do Maranhão), por volta do ano de 1887 com Dona EMÍLIA ROSA D'ALMEIDA MORAES nascida em 17 de outubro de 1867 na cidade de São Luís, Maranhão e falecida em 03 de fevereiro de 1955 aos 87 anos de idade na mesma cidade, filha do comerciante português Sr. Antônio José d'Almeida Moraes e de Dona Maria do Carmo d'Almeida Moraes. Do seu matrimônio houve a seguinte descendência: Arnaldo Joaquim Júlio

Corrêa, casado com Naysa Marques de Sousa² e falecido no Rio de Janeiro em 17 de junho de 1969, Alberto Júlio de Moraes Corrêa casado com Luísa de Castro e falecido em São Luís em 1932, com descendência, Armando Júlio de Moraes Corrêa casado com Nadyr Jansen, sem descendência e Bertha Júlia Moraes Corrêa, nascida em 21 de junho de 1892, casada com Childeberto Silva Pecegueiro³ em 18 de maio de 1918 e falecida em 14 de janeiro de 1984. Quando do falecimento de dona Emília Rosa os jornais noticiaram o ocorrido, como, por exemplo, o Imparcial: *“Faleceu ontem às 9 horas da manhã a veneranda Sra. Emília Rosa d’Almeida Moraes Corrêa, viúva do pranteado Joaquim Júlio Corrêa. Deixa a extinta dois filhos: Arnaldo Joaquim Júlio Corrêa e Bertha Corrêa Pecegueiro. Deixa*

² Naysa Marques de Sousa, nascida em 9 de março de 1899 em São Luís do Maranhão e falecida em 13 de dezembro de 1973 na cidade do Rio de Janeiro, era filha do rico comerciante maranhense José João de Sousa, nascido em São Luís em 10 de outubro de 1858 e falecido na mesma cidade em 30 de junho de 1938 e de dona Rosa Leite Marques, da aristocracia rural maranhense, neta do Comendador português José Joaquim da Silva Leite, que foi Capitão da Guarda Nacional e Senhor do Engenho de Flores em Monção, na zona do rio Pindaré, no Maranhão. José João de Sousa foi sócio da antiga firma Azevedo Almeida e Cia., a qual depois veio a adquirir e passou a denominar-se José João de Sousa e Cia., e posteriormente Lages e Cia. José João de Sousa foi presidente da Associação Comercial do Maranhão, reeleito por sucessivos mandatos, perfazendo 19 anos de relevantes serviços ao desenvolvimento do comércio maranhense, tendo sido até hoje o presidente com maior mandato daquela Casa. Foi ainda provedor-mor da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, no mesmo período em que presidiu a Associação Comercial por iguais 19 anos. Do seu matrimônio com o Sr. Arnaldo Júlio Corrêa não houve geração.

³ Childeberto Silva Pecegueiro, comerciante e posteriormente Tesoureiro dos Correios no Maranhão, nascido em 01 de junho de 1888 em São Luís e falecido na mesma cidade em 04 de junho de 1932, era filho de Manoel Coelho Pecegueiro Júnior, rico comerciante, nascido em 02 de janeiro de 1857, no concelho de Paredes, Freguesia de Baltar, Districto do Porto, Portugal e falecido no Rio de Janeiro, Brasil, em 24 de abril de 1924. Pecegueiro Júnior era filho do comerciante e proprietário Sr. Manoel Coelho Pecegueiro (filho do Sr. João Bernardo Moreira Coutinho, proprietário, neto paterno do Sr. André Coutinho e neto materno do Sr. Manoel Coelho) e de Dona Delphina Carolina Leal (filha do familiar do Santo Ofício, proprietário da Quinta d’Agrella (herança de seu primeiro matrimônio com a Sra. Miquelina Coelho de Sousa de Barbosa), na freguesia de Duas Igrejas e Capitão António José Ribeiro Leal e de Dona Joanna Aurélia da Silva e neta paterna de António José Ribeiro Leal e de Dona Anna Joaquina de Sam Boaventura e trineta materna do Capitão Manuel Fernandes Vieira, cavaleiro da Ordem de Cristo). Como seu pai, Pecegueiro Júnior era negociante matriculado e estabelecido na Praça de São Luís com a firma Pecegueiro, Santos e Cia (eram sócios da firma os portugueses Manuel d’Almeida Santos Júnior e José Leôncio d’Andrade). No Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial para o ano de 1862, editado por Belarmino de Mattos, Manoel Coelho Pecegueiro, pai, é citado no rol de capitalistas e negociantes de São Luís. Manoel Coelho Pecegueiro Júnior foi diversas vezes membro da diretoria da Associação Comercial do Maranhão como vice-presidente em 1902, vogal em 1908 e 1909 e segundo-secretário de 1910 a 1918. Deixou descendência de seu casamento com Dona Bertha Júlia Moraes Corrêa Pecegueiro.

O comerciante Joaquim Júlio Corrêa

também 11 netos e 2 bisnetos. O sepultamento realizou-se ontem mesmo às 17 horas, saindo o féretro da casa onde ocorreu o óbito à Rua Oswaldo Cruz, 681.”

O Comerciante e industrial Joaquim Júlio era membro de várias associações e entidades de caracteres profissional, social e beneficente dentre as quais se destacam a Associação Comercial do Maranhão, a Real Sociedade Humanitária 1º de Dezembro, instalada em 1862 e mantenedora do Hospital Português de São João de Deus, até hoje em atividade, o Grêmio Littero Recreativo Português, também em atividade, o Grêmio 1º de Janeiro, a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia do Maranhão instituída em 03 de dezembro de 1622.

Joaquim Júlio foi, por vários mandatos, vogal e vice-presidente do Centro Republicano Português do qual era membro-fundador, associação sócio-cultural fundada em 31 de janeiro de 1911, pouco depois da proclamação da república portuguesa e data cívica da Revolução do Porto e que por muitos anos foi presidida pelo médico português, Dr. Aníbal de Pádua Pereira de Andrade, médico da família Corrêa e amigo de Joaquim Júlio. Dentre outros destacados membros do Centro Português, todos igualmente portugueses, elencam-se: José Henriques Caldeira, Plácido José Camões, Alfredo Guedes de Azeredo, João Luís da Silva, Joaquim Lopes da Silva Guimarães, Emílio José Lisboa, Bernardino Gonçalves de Queirós, Manuel Augusto Gomes Martins, Manuel Maia Ramos, Isidoro Coelho Aguiar, Vítor Rodrigues Viana, Casemiro Machado, o ilustre literato e diplomata Fran Paxeco, grande mentor intelectual do Centro e um dos doze fundadores da Academia Maranhense de Letras e muitos outros portugueses radicados no Maranhão. No Centro Português eram realizadas “*sessões cívicas, conferências e reuniões para a instalação de várias instituições que foram surgindo e faziam sua, a sede do Centro.*” (LUZ:1957,66) Em sua grande maioria os membros do Centro português eram comerciantes ou estavam diretamente envolvidos com a atividade mercantil, seja nas funções de caixeiro, como era o caso, por exemplo, de Joaquim Lopes da Silva Guimarães ou de guarda-livros, como o era Plácido José Camões. O Centro era deste modo reduto, não somente de portugueses, mas, sobretudo, de comerciantes portugueses e nem podia ser diferente visto que o chamado comércio grosso era, em São Luís, uma atividade desempenhada, predominantemente, pelos lusos. A sede do Centro situava-se à Rua da Paz, 15, no coração da capital maranhense. Joaquim Júlio também esteve à frente, liderando a colônia portuguesa em 1918, da campanha em prol da ereção do Busto de Antônio Lobo no Largo da Igreja de Santo Antônio, hoje Praça Antônio Lobo. O homenageado era tido como *amigo da mocidade e o principal agitador de idéias de seu tempo, o entusiasta da renovação mental do Maranhão. Um dos fundadores da Academia (Academia Maranhense de Letras), onde, curiosamente, não teve papel relevante, ali instituiu a Cadeira Nº 14, patrocinada por Nina Rodrigues* (do site da AML).

Na obra “Álbum do Maranhão”, editada em 1928, a firma Joaquim Júlio Corrêa e Cia. é citada como uma das principais casas exportadoras de algodão em pluma do Estado do Maranhão, ao lado das não menos importantes firmas Cunha Santos e Cia., Cunha e Cia., Jorge e Santos, dentre outras. Ainda hoje a Joaquim Júlio Corrêa e Cia. é citada por autores, como o historiador e membro da Academia Maranhense de Letras, Carlos de Lima, em sua obra Caminhos de São Luís, como exemplo de grande firma daqueles anos dourados do comércio maranhense. Fran Paxeco, que foi amigo de Joaquim Júlio, em sua obra “O Trabalho Maranhense”, cita a firma Joaquim Júlio Corrêa e Cia. ao lado de outras tantas, como Oliveira Neves e Cia., Lima Farias e Cia., Cunha e Cia., Marcelino Gomes de Almeida, Jorge e Santos, entre as que mais contribuía para as estâncias arrecadoras em São Luís, o Tesouro Estadual, na taxa de indústrias e profissões e outros impostos. Cabe, neste momento, um breve comentário sobre a grande resistência e até mesmo certo heroísmo dos comerciantes e industriais maranhenses diante da forma obsoleta, e quase sempre lesiva, de arrecadação de impostos pelo Estado nos fins do século XIX e alvorecer do XX. O sistema era ineficiente, por exemplo, no que se refere às mercadorias chegadas do interior em barcos que ficavam vários dias esperando que os trapiches lotados da Praia Grande, bairro comercial de São Luís, fossem desocupados para poderem ser descarregados e suas cargas pesadas na casa da alfândega estadual (chamada Casa do Fisco, atualmente prédio onde está instalado o museu “Casa do Maranhão”). Nesta pesagem não havia uma fiscalização rigorosa e eram freqüentes as quebras de peso. Da pesagem feita na casa do fisco o volume quase nunca saía com o mesmo peso com que havia entrado. O Tesouro Estadual se eximia de qualquer culpa, recaindo esta sobre os embarcadiços, porém estes, quase sempre, eram empregados do comerciante e tinham deste a confiança. Era um jogo de empurra que acabava no prejuízo do comerciante e do desenvolvimento do Maranhão. Ainda havia o inconveniente de que o barco devia dirigir-se a outro trapiche para se abastecer de mercadorias para o interior, assim, gastava-se grande tempo para se fazer uma viagem de ida e volta interior-capital-interior. Todas estas dificuldades crescem, sem dúvida, grandes e maiores méritos aos comerciantes que estavam estabelecidos na praça maranhense.

Ativamente participante em obras sociais e caritativas, Joaquim Júlio foi um dos grandes beneméritos que contribuíram, em 1919, para a reforma e modernização do centro cirúrgico do Hospital Português, obra que foi capitaneada pelo diretor do hospital o já citado Dr. Aníbal Andrade.

Sempre colaborando com o crescimento do Maranhão e na boa integração de seus patrícios à terra maranhense, Joaquim Júlio foi, durante sucessivos anos, conselheiro consultivo do Consulado de Portugal. Em fevereiro de 1920, Joaquim Júlio está à frente, secundado por muitos outros comerciantes patrícios e maranhenses, bem como de agricultores e trabalhadores rurais, da fundação da

O comerciante Joaquim Júlio Corrêa

Sociedade Maranhense de Agricultura, importante órgão para defender os interesses da agricultura, tanto da parte patronal como dos empregados do setor agrícola maranhense.

Em 1931, aos 74 anos, sentindo-se cansado e já enfermo, resolve retirar-se da direção e gerência da firma que fundou e que possui na razão social seu nome, passando de sócio solidário a sócio comanditário é o que se lê nas notas informativas publicadas na Revista da Associação Comercial do Maranhão daquele ano: *“Conforme documento arquivado na Junta Commercial, de 3 de fevereiro, deixou de ser sócio solidário da firma acima o sr. Joaquim Júlio Corrêa, que prestou seu eficiente concurso à gerência daquela conceituada sociedade commercial, desde a sua instalação, passando, d’oravante, a ser sócio commanditario.*

A firma continua a girar sob a mesma razão social, dirigida pelos seus demais sócios, que são negociantes: Arnaldo Joaquim Júlio Corrêa, Belarmino Borgneth, Alberto Júlio de Moraes Corrêa, Manoel Ferreira da Silva, Alfredo Gomes Maya.”

Em 1948, já tendo Joaquim Júlio falecido há 11 anos, dentre os bens deixados em herança ainda restavam duas indústrias de sabão, uma indústria de óleos vegetais e uma fábrica de pilar arroz, reunidas sob o nome de Usinas São José, com escritório na Rua Cândido Mendes, 309/327 e maquinário na Rua João Henrique, 64 e endereço telegráfico, Arnaldo, nome de um de seus filhos, que era sócio da firma e o sucedeu na direção dos negócios e que foi várias vezes destacado e atuante membro da diretoria da Associação Comercial do Maranhão, além de vários imóveis e ações. (Maranhão 1948: 1948).

Após um longo período de doença decorrente de problemas cardíacos, Joaquim Júlio falece em sua residência aos 80 anos de idade. Transcrevem-se algumas notícias sobre o falecimento de Joaquim Júlio que poderão ajudar a aquilatar a importância da figura deste comerciante para o desenvolvimento comercial do Maranhão. A primeira publicada no Jornal “O Imparcial” em 21 de fevereiro de 1937, dia seguinte ao seu falecimento: *“Após prolongados padecimentos veio a expirar, ontem, às 10,30 horas, em sua residência, à Praça João Lisboa, 328, o abastado commerciante em nossa praça Sr. Joaquim Júlio Corrêa. O extinto que era bastante relacionado nos meios commerciaes desta e das demais praças do Paiz e na sociedade sanluizense, desaparece aos 80 annos, deixando viúva a exma. Sra. D. Emília R. A. Moraes Corrêa e os seguintes filhos: Armando Júlio Moraes Corrêa, Arnaldo Joaquim Júlio Moraes Corrêa e d. Bertha Corrêa Pecegueiro. Era natural de Portugal e filho do Sr. Antônio Júlio Corrêa e de d. Custódia Maria de Jesus Corrêa, fallecidos naquelle paiz. À residência do extinto, compareceu grande número de pessoas amigas, as quaes foram levar à família enlutada o voto do seu grande pezar. O seu enterro realizar-se-a, hoje, às 8,30 horas, sahindo o cortejo fúnebre do prédio onde se verificou a triste ocorrência. Não há convites especiaes para o mesmo. O Imparcial envia à família enlutada o seu voto de pezar, pelo rude golpe porque acaba de passar”.*

Dois dias depois, o necrológio, no mesmo “O Imparcial”: *“Realizou-se ante-ontem, às 8,30 horas, com grande acompanhamento, o enterro do commerciante em nossa praça, Joaquim Júlio Corrêa. O cortejo fúnebre saiu da residência do pranteado morto, à praça João Lisboa,321(sic), onde se deu o triste desenlace. Pegaram às alças do caixão os srs. Saturnino Bello, sócio da firma Francisco Aguiar e Cia.; Albino Nogueira, proprietário da Casa Branca; Belarmino Borgnett e Alfredo Maia, da firma Joaquim Júlio Corrêa e Cia.; Jaime Martins da Motta, proprietário da Exposição e Henrique Nogueira, da firma Alves, Nogueira e Cia. A Associação Comercial, Centro Caixerai, Associação dos Empregados do Commercio, Littero Recreativo Portuguez, Grêmio 1º de Janeiro, Hospital Português e Santa Casa durante o dia de domingo mantiveram seus pavilhões em funeral. Tambem algumas casas commerciaes cerraram suas portas em signal de profundo pesar. Sobre o ataúde, viam-se numerosas e ricas coroas, com significativas expressões e mais ainda, lindos ramilhetes de flores naturaes.”*

O Jornal “O Combate” também noticia com grande pesar o falecimento de Joaquim Júlio Corrêa, fazendo pungente elogio fúnebre: *“Desde cedo, grande era o número de amigos – pessoas de todas as classes, notadamente do comercio, e cujas figuras as mais representativas ali estavam, que se aproximavam do palacete da família Corrêa, a fim de prestar a última homenagem ao morto querido. E, cercado por todos os membros da enlutada família os quais choravam a grande perda sofrida, estava o corpo do morto ilustre, em rico ataúde, bem ao centro da Câmara Mortuária, e entre braçadas de flores naturais, as mais expressivas. Encomendado que foi o corpo, pelo padre Joaquim Dourado, vigário da Catedral (...) em sepultura especial, foram enterrados os despojos daquele que em vida foi um verdadeiro gentleman e cujos 80 anos de existência(...) foram dedicados a um trabalho são e construtor e todos eles cheios de alevantados princípios e completadas por atos os mais enobrecedores, pois o morto de sábado, e cujo desaparecimento tanto sentimos, é do número diminuto dos que elevam e dignificam a terra que os viu nascer(...).”*

Tanto era o amor de Joaquim Júlio pela sua terra adotiva, o Maranhão, que “O Combate” assim se expressa, ainda no mesmo elogio: *“Joaquim Júlio Corrêa foi português apenas de nascimento, mas o melhor de sua vida, durante 64 anos, dedicou à nossa terra, que ele a queria como bem poucos maranhenses. Com a morte de Joaquim Júlio Corrêa perde o Maranhão um grande e sincero amigo, e o comércio vê desaparecer uma das suas mais respeitáveis e destacadas figuras.”* No dia 26 de fevereiro, na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, que Joaquim Júlio costumava frequentar aos domingos, foi mandada celebrar no altar-mor, pela família e por seus amigos, missa de 7º dia em sufrágio de sua alma, comparecendo ao ofício religioso, numerosos amigos do comércio, indústria e da sociedade em geral, o governador do Estado, à época o Dr. Paulo Ramos, estava em viagem e foi representado pelo seu ajudante de ordens, o tenente Paulo Vitorino d’Assumpção, nos funerais de Joaquim Júlio.

Joaquim Júlio foi um imigrante português que seguiu, de certa forma, o perfil típico dos que migraram para o Maranhão em meados e fins do século XIX. Ao chegar ao Maranhão vai imediatamente trabalhar no comércio, prova-

velmente como caixeiro ou ajudante na firma do irmão José Júlio Corrêa. Inteligente e hábil torna-se empregado de confiança do irmão e em seguida, sócio da firma, mais tarde, sócio majoritário, com a firma passando a girar, a partir de 1891, sob a denominação Joaquim Júlio Corrêa e Cia. Casa-se com uma maranhense, mas filha de comerciante português (sócio da firma Almeida Jr. e Cia.) e logo é aceito nos círculos mais restritos e altos da sociedade maranhense, inclusive sendo iniciado como maçom, infelizmente em data desconhecida. Católico praticante, ele é aceito também em tradicionais Irmandades, como a de São Benedito, do qual foi várias vezes juiz da festa, como na do ano de 1920 e na Irmandade do Santíssimo Sacramento, da Catedral de Nossa Senhora da Vitória. Os maçons eram todos, ou quase todos, católicos e não havia nenhum conflito aberto entre Igreja e maçonaria naquele período, muitos membros do Clero, inclusive, eram maçons.

Assim, o perfil de imigrante português iniciado nas altas esferas da sociedade maranhense reproduz com fidelidade o modelo social vigente na época (fins do século XIX, início do século XX). As funções que Joaquim Júlio desempenhou nas sociedades e instituições das quais ativamente participou, como no Centro Português e no Consulado de Portugal bem demonstram o alcance de sua projeção no meio social e as relações que conseguiu estabelecer com a elite da terra. Igualmente, o casamento de seus descendentes com membros de grandes famílias aristocráticas da terra, como os Marques Sousa, os Jansen e os Pecegueiro, patenteiam as suas excelentes aceitação e projeção social.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Acervo Particular da Família Corrêa Pecegueiro.
Acervo da Arquidiocese de São Luís do Maranhão.
Acervo do Arquivo Público do Estado do Maranhão.
Acervo da Biblioteca Benedito Leite

Documentos Paroquiais

Assento de Batismo de Joaquim Júlio Corrêa. Registros Paroquiais, freguesia de Matosinhos, concelho de Matosinhos, Livro B-8, f.186 no Arquivo Distrital do Porto, Portugal.
Assento de Batismo de Cústodia Maria de Jesus Gomes. Registros Paroquiais, freguesia de Matosinhos, concelho de Matosinhos, Livro B- (1820/1836), f. 59v. e 60 no Arquivo Distrital do Porto.
Assento de casamento de Manoel Coelho Pecegueiro e Delphina Carolina Leal, freguesia de Santa Maria de Duas Igrejas, Livro C – (1819/1859), f. 172v. e 173 no Arquivo Distrital do Porto.

Assento de Batismo de Dona Emília Rosa de Almeida Moraes (Corrêa) – livro 123 (1864-1877) de Batismo da Freguesia de Nossa Senhora da Vitória-Igreja catedral no Acervo da Arquidiocese de São Luís do Maranhão sob a guarda do Arquivo Público do Maranhão.

Outros documentos

Habilitação de António José Ribeiro Leal como familiar do Santo Ofício - Tribunal do Santo Ofício, Conselho Geral, Habilitações, António, maço 184, documento 2734.

Manuel Fernandes Vieira – Registro Geral de Mercês, Ordens, livro 14, f. 426v.

Livros

Maranhão 1948, São Luís: Departamento Estadual de Estatística – IBGE, Sioge, 1948.

Álbum do Maranhão. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1928.

LIMA, Carlos de. *Os caminhos de São Luís*. São Paulo: Editora Siciliano, 2002.

LUZ, Joaquim Vieira da. *Fran Paxeco e as figuras maranhenses*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, S.A. -Edições Dois Mundos, 1957.

MATTOS, Belarmino de. Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial para o ano de 1862. São Luís: Tipografia B. de Mattos, 1862.

PAXECO, Fran. *O trabalho Maranhense*. São Luís: Imprensa Oficial, 1916.

VÁRIOS AUTORES. *Famílias Maranhenses. Coelho de Sousa, Braga, Reis, Dias Vieira*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1976.

VIVEIROS, Jerônimo de. *História do Comércio do Maranhão*. São Luís: Associação Comercial do Maranhão, 1964.

Sites da Internet:

Fundadores da Academia. Antônio Lobo. Disponível em <<http://www.academiamaranhense.org.br/>>. Acesso em 4 de março de 2010.

Iconografia

AUTOR DESCONHECIDO. Joaquim Júlio Corrêa, sua esposa Emília Rosa Corrêa e sua filha Bertha Júlia Moraes Corrêa Pecegueiro. 1912. Fotografia. Acervo Particular Família Corrêa Pecegueiro.

Jornais e Periódicos

Obituário de Emília Rosa de Almeida Moraes Corrêa. *O Imparcial*. São Luís, 04 de fevereiro de 1955.

Obituário e Necrológio de Joaquim Júlio Corrêa. *O Combate*. São Luís, 21 e 23 de fevereiro de 1937.

O comerciante Joaquim Júlio Corrêa

Obituário e Necrológio de Joaquim Júlio Corrêa. *O Imparcial*. São Luís, 21 e 23 de fevereiro de 1937.

O cinco de outubro – Centro Português. *A Pacotilha*, São Luís, 7 de outubro de 1918.

A Colônia Portuguesa. *A Pacotilha*, São Luís, 22 de outubro de 1918.

Sobre o Hospital Português. *A Pacotilha*, São Luís, 12 de maio de 1919.

Revista da Associação Comercial do Maranhão. São Luís, vol. 2, março de 1931.



Joaquim Júlio Corrêa, Emília Rosa e Bertha Júlia